

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **NOTÍCIAS DA ACTIVIDADE CULTURAL. III SEMINÁRIO DE ARQUEOLOGIA DO NOROESTE PENINSULAR. LAGARETAS LUSO-ROMANAS DE ARREIGADA, PAÇOS DE FERREIRA.**

DINIS, Manuel Vieira

Ano: 1985 | Número: 95

---

### **Como citar este documento:**

DINIS, Manuel Vieira, Notícias da Actividade Cultural. III Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular. Lagaretas luso-romanas de Arreigada, Paços de Ferreira. *Revista de Guimarães*, 95 Jan.-Dez. 1985, p. 168-171.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## Lagaretas Luso-Romanas de Arreigada (Paços de Ferreira)

Por MANUEL VIEIRA DINIS

«Estendendo-se contíguas, como densas malhas de uma rede, as *vilas* foram um dos principais pontos de apoio da romanização: e unindo moralmente os trabalhadores, deram a cada grupo a coesão necessária para mais tarde se converter em molécula social.»

ALBERTO SAMPAIO

É costume dizer-se que onde fogo não há, fumo não se levanta... Deste adágio do nosso povo parto eu para a minha modesta presença neste encontro de simpatia pelos estudos, com base em achados arqueológicos no noroeste peninsular — número ou reunião que inspira alto apreço por esta benemerente Sociedade vimaranense no 1.º centenário da sua existência, efeméride em que, com toda a naturalidade, se envolve o seu emérito e entusiasta animador — Martins Sarmento.

Encaminho o participante para o concelho de Paços de Ferreira, e particularmente para o seu extremo sudoeste, onde se situa a crúzia freguesia de S. Pedro de Arreigada, já a limitar com S. Salvador de Lordelo, do termo de Paredes.

Assim, há anos, procedera-se à abertura de uma estrada entre aquelas duas freguesias «fronteiriças», na trilha de uma outra vereda vicinal. E então no demarcar do terreno e por alturas da devesa da Vela — hoje o telúrico do povoado de Cimo de Vila (para não confundir com Fundo de Vila), de raiz remota — afloraram fragmentos de tijoleira corada, bem brunida, de telha canelada, e pequenos restos de vasilhas. Não ficaram dúvidas de que naqueles leirós — vulgo Lidrós ou Eirós/Eiras — eram evidentes os sinais arqueológicos de feição luso-romana, impondo-se reunir todo o espólio, e, se possível, proceder ao seu estudo e defesa, se acaso valesse a pena...

Recordo que então (na Primavera de 1963), o eng.º Joaquim Ferreira, encarregado pela Câmara Municipal pacense do projecto da referida via, comunicara à 6.ª Secção da Junta Nacional de Educação ter encontrado

uns tijolos que lhe pareceram ser antigos. E por consulta que fizera ao dr. Adriano Vasco Rodrigues, então professor de Arqueologia no Centro de Estudos Humanísticos do Porto, anexo à Faculdade de Letras, o ilustre investigador considerara os ditos materiais da época romana.

Pela Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas Artes, o eng.º Joaquim Ferreira ficara autorizado a proceder a escavações, sob orientação do dr. Vasco Rodrigues.

Houve longa demora no começo dos trabalhos, e falta de comunicação ajustada, pelo que a autorização concedida acabou por ser suspensa. E lá me vi metido em andanças, como delegado concelhio da Junta Nacional de Educação, para me deslocar ao Cimo de Vila e informar dos achados, do destino, das prospecções, ainda que ligeiras, que ali efectivara o eng.º J. Ferreira, o que fiz na companhia do presidente da Junta de Freguesia e de dois proprietários locais, cuja colaboração foi prestimosa.

Palestramos sobre possíveis achados naquela zona, e já em Fundo de Vila pude identificar 3 mós manuais, de granito, do tipo castrejo e ainda numisma (pequeno bronze romano), provenientes do monte da Vela, de que os antigos falam de mouras encantadas e de uma cidade morta. Estes achados, no entanto, verificaram-se anos atrás no roço de matos.

Foi a bem dizer no plató do enrugamento que o eng.º J. Ferreira topara os telhões romanos, sucedendo-se os borrões corados aqui e além. Bastaria picar a terra... Pavimento de moradia expressiva?

Dei o meu parecer superiormente, e que, na ocasião em que se rompesse a estrada, o Município acautelaria o que viesse a surgir em matéria arqueológica.

E decididamente não retirei com as mãos a abanar...

As três mós e o numisma do séc. II ou III d.C. ficaram devidamente acautelados (na altura), com a promessa de virem a pertencer a futuro museu municipal.

Mais: a uns 50 metros do risco da estrada, constatei a existência de um lajedo onde se viam picadas duas lagaretas circulares, unidas, e anexa outra demarcação ou lagariça, com o respectivo escoadouro, sistema romano designado por *trunculário*, ou *trunculum*, que pode situar-se entre os séculos II-IV.

E outra oferta confiante: o jovem «herdeiro» da bouça, Joaquim Leal Ribeiro, mostrara-se interessado em dispensar à Câmara Municipal aquele rochedo. Mas daí para cá não mais se falou do achado das cerâmicas, e as lagaretas aguardam com saudade a cor e a alegria vinárias...

Ora, de momento, resolvi remexer nesta cinza mortíça, antes que o lume se vá de todo... E o fumo se perca em trança fina por entre pinhos perfumados...

O registo das lagaretas julgo-o útil, e renovo patrocinar a classificação oficial (a nível de Município) de imóvel de interesse público. Interessante exemplar intra-muros (e regionalmente), o povo, à sua volta, tece a existência de uma cidade morta, arrasada pelos «mouros», de que escaparam

as lagaretas e o Penedo da Senhora. Este penedo, nas imediações, é foco de lendas e não raro motivação para serões de meninas, no cumprimento de promessas à Virgem.

Em noites de luar, a Virgem vem até ele ameigar o Menino, no seu bercinho talhado na rocha...

O dito penhasco ergue-se a mais de dois metros do solo bravo, noutro retiro do monte da Peneda, apresentando na coroa vários e irregulares covachos para banho, assentos, pequeninos leitões, malgas para a sopinha! Pelo manto e figurado, Nossa Senhora parece a que está em veneração no Vinhal, na outra margem do rio Ferreira — aludiu, na sua amada crença, uma octogenária que para ali viera noivinha de dezasseis anos.

Fica-se com a impressão que desaparecida da banda de Arreigada uma ermida, consagrada a Nossa Senhora, outra se erguera mais tarde no altete de Lordelo. A remota Santa Cristina para cristianizar... as moléculas sociais, pregadas às vilas, tendo por debrum defensivo as cinturas de Cerqueda. Ao fim e ao cabo reminiscências de um povoado castrejo, em pequena altitude, a morar à beira de água... (\*)

Mas vamos às lagaretas... E não se perca o espremedouro que é sempre bom para dar força e cor ao vinho novo...

O risco topográfico talvez mais elucidativo que as fotos, por causa das sombras...

Para nascente duplo desgaste circular no lajedo, em jeito de mesa de prensa, com um rebordo que varia entre os 27 e 34 cm.

A primeira pia, a superior, com um diâmetro de 1,10 m. por 0,74 m. A segunda pia, em plano inferior, com um raio de 1 m. e a terminar num escoadouro de 20 cm. de boca, e num escavado de 9 cm. Unida para poente uma espécie de lagariça, ou lagar de taburnos, com dados intermédios de 1,83 m × 2 m em vertical. Apresenta uma cale semelhante ao escoadouro da prensa, com 43 cm por 9 cm de fundo. Este termina em pá de 21 cm × 15 cm de boca. A lagariça, se assim se pode chamar, tem uma testa de 1,50 m para lá do canal de saída.

---

(\*) Oportuna a inserção de uma nota extraída da obra *Nova História da Militar Ordem de Malta*, de José Anastácio de Figueiredo (1800), nota que se prende belamente com este trabalho.

No referido livro, além do mais, vem indicada uma Alçada Real de 1258, em que foram inquiridores e *Inquisitores dnf Regis* (D. Afonso III) *Port. & Comitibus Bolon d'Inter Doriu & Tamegã* João Esteves Cavalleiro de Santarém, Payo Soares Frade (*frater*, talvez só Irmão, ou Confrade) de Grijó, Pedro Martins *Vimminarius*, e Abril Annes vizinhos de Guimarães, e no lançamento de uma doação à Ordem Militar de Malta — doação apontada por Lourenço Gomes, do Porto de Mós, se diz:

«Póde ser, que este fosse filho daquelle Gomes Meêdes que fez ao Spital a Doação damãda expressamente caída no Registro do Cartório de Leça.

E eventual-se: há pelo menos um clérigo Gomes Mendes que deu à Ordem as suas herdades *en San Pero & en Santa Cristina*, e outra sua herdade, *en Cerqueda termbo daguiar a par do rryo de ferreyra.*» — M. V. D.

A presença destas lagaretas suscita um punhado de considerações de como nasceram e vingaram até nossos dias — aquilo a que Alberto Sampaio designou como instituições rurais. O erudito vimaranense, a propósito, reunira em meia dúzia de laudas a essência mais subtil do chamado espírito de cultura.

Não vou demorar-me em espaçosos pormenores sobre a denominada casa rústica, ou vila romanizada. A exemplo de senhorio e caseiro, vislumbremos a casa do proprietário, cultivada por sua conta, atrelando servos privativos, a viver quase debaixo do mesmo tecto; o caseiro, como ainda hoje, com campos e leiras, e parcelas de monte, por renda sabida, porém com apetite escondidos de «terra entregue a quem a trabalha».

A casa do senhorio seria a *vila urbana*, e à ilharga a esta a *vila rústica*, para agasalho dos servos e bichesa; por anexos a fructuária para arrecadação dos produtos da terra.

A vivenda do senhor acabaria por ser designada o *palatio* ou *vila palatiolo*; depois *palatio* — significativo baptismo das paragens de onde venho... *Et in ferraria villa palatios...* e ecclesia sancte colalie virginis (ano de 1059, nas herdades de D. Mummadona.

A vila urbana com todo o carácter romano de um corpo principal de edificio disposto em quadrilátero, com alegretes no interior e friso avarendado. O povo entendeu chamar-lhe *paço*, pela administração do seu pequeno mundo e aí pontificar o *dominus*. Contíguo teríamos a casa rústica, também diversas dependências, a que não faltavam o *eido* ou *cohors* e num abrir de braços os quartos dos criados, os palheiros, as frutuárias. O nosso rural, por seu léxico, não deitou fora o *eirado*, o *quinteiro*, a *rua*, o *alpendre*. Num coberto unido ao *eido* se fabricava o vinho e aí se assentavam as cubas, antes de termos a *loja*, a *adega* ou a *cella vinária*.

As lagaretas referenciadas sugerem a existência de uma vila urbana (razão dos rumores de cidade morta) e sobretudo do espólio de rica tijoleira, vasilhas e moedas) a que não falta também, um pequeno santuário, dedicado a Santa Cristina. Por vizinhança, a vila rústica tão logicamente a reverdecer por outros materiais. O topónimo Cerqueda, ali tão perto, inscreve-se de maravilha na cintura daquele apagado viver luso-romano, em queda lenta para o rio Ferreira.

Não quero demorar mais. Como principiei, deponho, pelo saber e experiência de que era dotado, este remate de Alberto Sampaio: «Se abstrairmos pois das numerosas povoações urbanas da actualidade, olhando só para as freguesias rurais, as imaginarmos prédios rústicos que eram então, representar-nos-emos com bastante fidelidade o aspecto geral da distribuição agrária no domínio romano e visigótico.»